

apogeo

número 44 • Julho 2013

Revista da Associação de Professores de Geografia

A geografia na educação básica (3º ciclo) e no ensino secundário:
25 anos num breve relance

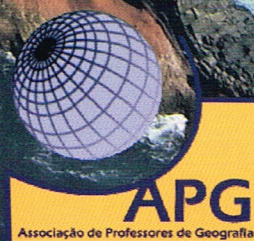
Fórum económico e social paulo vi: um projeto para afirmação
E promoção da educação geográfica

Percursos literários e pedagógicos

A origem dos produtos numa superfície comercial

Lugares quase perfeitos

A conversa com... Maria Augusta Mota Pinto



Antes e Depois

Antes e depois... avaliar as diferenças

Albufeira – Praia dos Pescadores e, em 2º plano, Praia do Peneco



Data??



Setembro 2013

SUMÁRIO

Julho 2013

EDITORIAL 4

CARTOON 4

ANÁLISES E REFLEXÕES

A geografia na educação básica (3º ciclo) e no ensino secundário:
25 anos num breve relance - Emília Sande Lemos 6

Fórum económico e social paulo vi: um projeto para afirmação
E promoção da educação geográfica - Vítor Fontes 9

LABORATÓRIO DIDÁCTICO

Percursos literários e pedagógicos - Ana Lavrador Silva e Ana Cristina Tavares 14

A origem dos produtos numa superfície comercial – Henrique Martins 24

LUGARES QUASE PERFEITOS 31

Miguel Joaquim Serra

GEOGRAFIAS PESSOAIS

À conversa com... Maria Augusta Mota Pinto - Sérgio Cláudio 33

FICHA TÉCNICA

APOGEO n.º 44, julho 2013

Diretor:

Pedro Damião

Comissão de redação:

Emília Sande Lemos
Ana Cristina Câmara
Maria Vitória Albuquerque
Miguel Inez Soares
Clara Rocha
Maria Helena Magro
Maria Helena Lobo
Maria Laurinda Pacheco
Maria Isabel Gingeira
Isabel Amorim Costa

Colaboradores convidados:

Emília Sande Lemos
Vitor Fontes
Ana Lavrador Silva
Ana Cristina Tavares
Henrique Martins
Sérgio Claudino

Propriedade:

Associação de Professores de Geografia
Bairro da Liberdade, Impasse à Rua C,
lote 9, loja 13
1070-023 LISBOA
Tel.: 213 861 490
Fax: 213 850 374
E-mail: apg@aprofgeo.pt
aprofgeo@netcabo.pt
Página da Internet: www.aprofgeo.pt

Produção gráfica: A3

Tiragem: 900 exemplares
ISSN: 0872-2544
Depósito Legal: 21206/89
I.C.S.n.º 13 489
Preço: 6 euros

Foto da capa:

Cedida por Ana Cristina Câmara

Editorial

(Re)Valorizando o Território

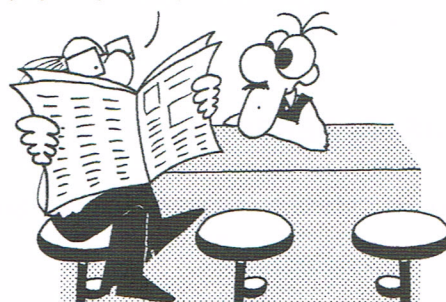
No XXVIII Encontro Nacional de Professores de Geografia que decorreu em Silves, tivemos diversas oportunidades de nos surpreender com diferentes aspetos do Algarve que, para muitos de nós, era completamente desconhecido "ou quase", mesmo que já tivéssemos passado por lá a "cem à hora".

Sendo o Algarve uma das regiões do país que muitos visitam regularmente, foi muito interessante percorrê-lo e ouvir as explicações dos que trabalham este território, pouco divulgado pelos agentes turísticos.

Estes acontecimentos levam-nos a refletir sobre vários aspetos:

- a importância das vistas de estudo e das saídas de campo com quem realmente conhece e valoriza o território, objeto do seu trabalho (geógrafos, geólogos, arquitetos, paisagistas, engenheiros silvicultores, ...);

A COMISSÃO EUROPEIA QUER QUE
A GRÉCIA PERMANEÇA NA EUROPA.



- o peso que se deve dar, na formação docente, ao contato direto com o território, os seus agentes e as suas gentes;

- O papel do terceiro setor do Estado – as organizações não governamentais – desde as mais locais às de âmbito nacional, na apropriação do valor do território, nas suas dimensões bioclimática, hidrogeológica, socioeconómica, cultural, entre outras.

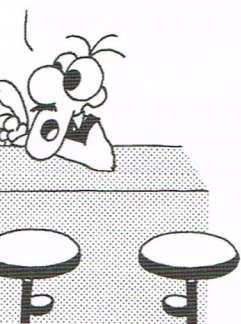
- A consciencialização cada vez maior, por parte de quem o habita e aí vive do valor patrimonial e, portanto, também económico, do território, como legado da natureza e das diversas gerações que o foram moldando.

- Em todas estas vertentes está presente um valor inestimável para o geógrafo – o território, na sua múltipla dimensionalidade - mas também um outro fundamental para os professores – a educação para a cidadania.

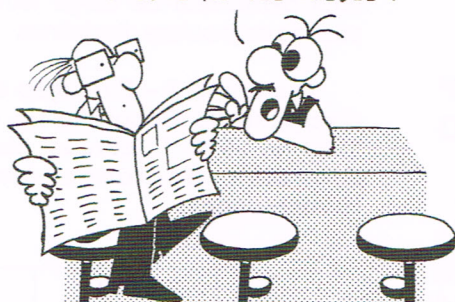
É, alicerçado nestes dois conceitos mestres da ação do geógrafo e do docente, que continuamos, apesar das contingências da crise, a publicar esta nossa revista, agora

de novo sem o apoio de qualquer instituição, para que possa chegar aos nossos sócios e que dela colham as reflexões e práticas que os articulistas quiserem partilhar com todos nós.

RA ONDE IRIA?



A ÁSIA E A ÁFRICA JÁ TÊM
PROBLEMAS QUE CHEGUEM.



A AMÉRICA E A OCEÂNIA FICAM
UM BOCADO FORA DE VOLTA...



Cui

Cedido pelo autor. Publicado no jornal Público

Análises e Reflexões

A GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA (3º ciclo) E NO ENSINO SECUNDÁRIO 25 ANOS NUM BREVE RELANCE

Emília Sande Lemos - *Presidente da Associação de Professores de Geografia*

1. INTRODUÇÃO

Tentar traçar um retrato do que foram os últimos vinte e cinco anos da Geografia na Educação Básica (3º ciclo) e no ensino secundário não é tarefa fácil.

Os dados a que possamos ter acesso são escassos e estão dispersos, muitas vezes apresentando-se como meros indicadores muito localizados temporalmente. Deste fato resulta que uma investigação destas é fundamental, exigindo, contudo, uma pesquisa aprofundada e morosa, o que não se coaduna com o objetivo deste texto.

Neste sentido procurámos, através da legislação produzida sobre a estrutura curricular dos ensinos básico e secundário, os relatórios do Júri Nacional de Exames e as estatísticas da educação, disponíveis na página eletrónica do Ministério da Educação e Ciência, descrever a evolução da Geografia, enquanto disciplina autónoma, e a dos professores de Geografia, desde a reforma de 1989 até à última revisão curricular de 2012, bem como enunciar, de forma muito breve, o papel das duas associações profissionais na sua luta pela dignificação do ensino da nossa ciência.

2. O PESO CURRICULAR DA GEOGRAFIA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO E NO ENSINO SECUNDÁRIO

Entre a reforma curricular de 1989 (Decreto-Lei nº 286/89) e a revisão da estrutura curricular implementada a partir este ano letivo de 2012/13, (Decreto-Lei nº 139/2012), passando pelas alterações introduzidas pelos decreto-leis 6/2001, 7/2001 e 74/2004, a carga horária da Geografia, no 3º ciclo e no ensino secundário evolui da seguinte forma:

Quadro nº 1 – Evolução do número de minutos da disciplina de Geografia no 3º ciclo do ensino básico entre 1989 e 2012¹

	1989	2001	2012
7º ano	150	90	90
8º ano	0	90	135
9º ano	200	135	135
TOTAL	350minutos	315minutos	360minutos

Verifica-se que, ao problema da inexistência de Geografia no 8º ano, na reforma de 1989, sucedeu, em 2001, um abaixamento da sua carga letiva semanal, que poderia ainda ser mais baixa do que a enunciada neste quadro, já que, pela primeira vez, a Geografia surge, neste ciclo de ensino, associada à História, numa área designada de Ciências Sociais e Humanas e, embora lecionadas de forma autónoma e por professores pertencentes a grupos de recrutamento diferenciados, às escolas é dado o poder de gerir pelas duas disciplinas uma carga letiva semanal de respetivamente 180 minutos nos 7º e 225 minutos nos 8º e 9º anos. Contudo, foi reposta a Geografia no 8º ano, o que se salienta como aspeto positivo. De referir ainda que, em muitas escolas, aos professores de Geografia é atribuída a leção de, pelo menos, uma das áreas transversais do currículo, normalmente a Área de Projeto, o que não obsta a que haja uma perda real de carga letiva própria, o que também sucede com outras disciplinas.

Quadro nº 2 – Evolução do número de minutos da disciplina de Geografia no ensino secundário entre 1989 e 2012² (cursos científico-humanísticos de Ciências Socioeconómicas ou Línguas e Humanidades)

	1989	2001/04	2012
10º	200	270	270
11º	200	270	270
12º	200	270	180
TOTAL	600	810	720

1) Na reforma de 2001 e na revisão curricular de 2012, a distribuição do número de minutos da área de Ciências Sociais e Humanas, na qual se incluem a História e Geografia, é deixada ao critério de cada escola. Neste quadro partimos de uma distribuição equitativa entre as duas disciplinas e optámos por colocar o 9º ano com bloco e meio, embora tal pudesse suceder no 8º ano. 2006, ano em que, pela primeira vez, se realizou o exame.

2) Na reforma de 1989 a Geografia no 12º ano desaparece para dar lugar à disciplina de IDES – Introdução ao Desenvolvimento Económico e Social, que podia ser lecionado quer pro professores de Geografia quer pro professores do grupo de recrutamento de Economia. Na revisão curricular de 2012 o 12º ano pode ter apenas 150 minutos (carga letiva mínima).

De salientar, em primeiro lugar, que a Geografia em qualquer destes cursos é considerada como disciplina da componente específica, mas de opção, isto é, os alunos têm um leque de 2 ou 3 disciplinas (dependendo das reformas de 2001 ou 2004) tendo que optar por duas.

Na maior parte das escolas, como poderemos deduzir pelas provas nacionais de exame realizadas (quadro nº 3), os alunos optam, na sua maioria, quer no curso de Ciências Socioeconómicas quer no de Ciências Sociais e Humanas pela Geografia como uma das disciplinas da sua formação específica.

No 12º ano a Geografia é também de opção, mas o leque de escolhas alarga-se e por isso a frequência desta disciplina diminui.

Já no ensino secundário profissional a disciplina de Geografia B é obrigatória desde o 10º ao 12º ano, com 180

minutos em cada ano, no curso Tecnológico de Ordenamento do Território e Ambiente. A Geografia existe ainda como disciplina obrigatória do Curso Profissional Técnico de Turismo com um total mínimo de 200 horas, na formação específica.

Dado que a Geografia A, disciplina dos 10º e 11º anos dos cursos de Ciências Socioeconómicas e de Línguas e Humanidades tem exame nacional, é possível ter uma ideia aproximada do número de alunos que a frequentam (no 11º ano) e da sua evolução, desde 2006, ano em que, pela primeira vez, se realizou o exame.

Quadro nº 3 – Evolução do Número de provas realizadas no exame nacional de Geografia (código 719) nas 1ª e 2ª fases

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Nº de provas realizadas	12862	17863	19945	23002	22321	21981	23881

Fonte: <http://www.dgdc.min-edu.pt/jurinaexames/index.php?s=directorio&pid=21> (consultado em 26/04/2013)

A título de exemplo mostra-se o número de provas realizadas na 1ª fase dos exames de 2012, para algumas das disciplinas específicas que pode também ser opção para os alunos.

Quadro nº 4 – Número de provas realizadas na 1ª fase da época de exames de 2011/12 para disciplinas de opção da formação específica dos cursos de Ciências Socioeconómicas e de Línguas e Humanidades

História B	MACS	Literatura Portuguesa	Economia A	Geografia A
885	9330	2364	11610	19273

Fonte: <http://www.dgdc.min-edu.pt/jurinaexames/index.php?s=directorio&pid=4> (consultado em 26/04/2013)

Em conclusão poderemos afirmar que a Geografia, enquanto disciplina autónoma do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário, embora tendo sofrido uma diminuição da sua carga horária no 3º ciclo - mas tendo melhorado a sua situação com a última revisão curricular – se mantém atrativa para os alunos do ensino secundário, onde apresenta uma evolução bastante positiva, exceção feita à recente diminuição do número de minutos lecionados no 12º ano e também nos cursos NER.

3. OS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO E DO ENSINO SECUNDÁRIO

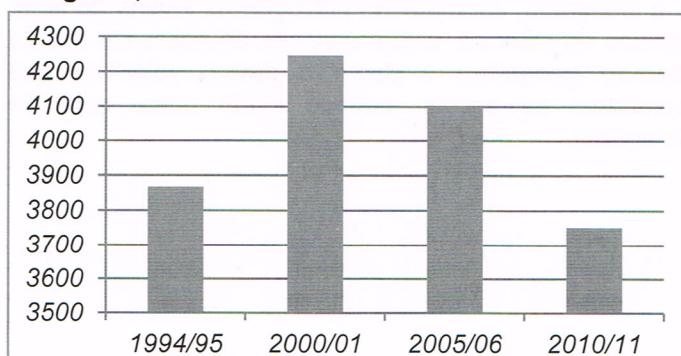
No ano letivo de 2010/11, pertenciam ao grupo de Geografia (grupo de recrutamento 420) do ensino público 3752 professores, representando uma percentagem de 5% do total do universo dos docentes do 3º ciclo e ensino secundário públicos.

O gráfico seguinte (gráfico nº 1) mostra-nos o total de docentes de Geografia, do ensino público, nos anos letivos de 1994/95, ou seja pouco tempo depois da implementação da reforma implementada pela DL 286/89, em 2000/01 e 2005/06, após as reformas de 2001 e 2004

(ensino secundário), anos em que são atingidos os valores mais elevados e finalmente em 2010/11, último ano em que há estatísticas publicadas.

Através deste gráfico e da análise do quadro nº 5 podemos colocar a hipótese de que as alterações curriculares destes últimos 20 anos parecem não ter afetado muito diretamente o número de professores de Geografia, que apresenta uma tendência de evolução muito semelhante à do total de docentes do país (no ensino público), como o demonstra os valores apresentados no quadro nº 5.

Gráfico nº 1 – Professores do grupo de docência de Geografia, no Ensino Público



Quadro nº 5 – Total nacional de docentes e total de docentes do grupo de Geografia – ensino público

<i>Ensino Público</i>	<i>1994/95</i>	<i>2000/01</i>	<i>2005/06</i>	<i>2010/11</i>
<i>Total de docentes</i>	<i>68018</i>	<i>78179</i>	<i>80914</i>	<i>75718</i>
TOTAL de docentes do grupo de Geografia	3867	4247	4101	3752

Fonte: 50 anos de Estatísticas da Educação. Vol. III in::

http://www.gepe.min-edu.pt/np4/?newsId=376&fileName=50_Anos_VolIII.pdf (consultado em 28/04/2013)

e http://www.gepe.min-edu.pt/np4/?newsId=675&fileName=Perfil_do_Docente_2010_2011.pdf (consultado em 28/04/2013).

É interessante verificar que o peso percentual dos professores de Geografia, no ensino público, não é muito distante do de outros grupos de docência similares – Geografia: 5,0; Informática: 5,5; História: 5,7.

Contudo, o peso percentual do grupo de docência de Geografia desceu 0,6 pontos percentuais entre 1994/95 e 2010/11, no ensino público, o que nos mostra que estamos, tal como outros grupos disciplinares, a ser fortemente afetados pelo envelhecimento demográfico do país.

4. O PAPEL DAS ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS PARA A DIGNIFICAÇÃO DO ENSINO DA GEOGRAFIA

As duas associações profissionais, a Associação de Professores de Geografia e a Associação Portuguesa de Geógrafos têm colaborado e fomentado iniciativas conjuntas ou partilhadas, nalguns casos em parceria com outras instituições.

Sem querer fazer uma listagem exaustiva destas iniciativas lembraria aqui a recente petição nacional pedindo a revogação da portaria relativa à formação inicial de professores de Geografia (e História) mas também o apoio à criação do Curso Tecnológico de Ordenamento do Território e Ambiente, os concursos quer para professores quer para alunos, os prémios de mérito no âmbito da educação geográfica, a Semana da Geografia em Mirandela.

Quer as tomadas de posição relativamente à política educativa no que à Geografia diz respeito, quer todas as atividades que, envolvendo professores e alunos, permitem que a sociedade reconheça o valor funcional e social da nossa ciência, tem sido partilhadas, sob diversos formatos e são fundamentais para a educação geográfica e a Geografia, contribuindo para que os jovens de hoje, adultos de amanhã, sejam capazes de possuir a devida literacia geográfica e deem o devido valor ao que aprendem na escola, quando estão numa aula de Geografia.

Análises e Reflexões

FÓRUM ECONÓMICO E SOCIAL PAULO VI: UM PROJETO PARA AFIRMAÇÃO E PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Vítor Fontes – vitorfontesgeo@gmail.com

Professor de Geografia do 3º Ciclo e Ensino Secundário do Colégio Paulo VI (Gondomar)

Membro colaborador do CEGOT/UNIVERSIDADE DO PORTO



O ensino da Geografia assume hoje, talvez mais do que ontem, uma responsabilidade particular na formação académica dos nossos jovens. Numa sociedade cada vez mais mediatizada onde a informação se produz, circula e se troca a um ritmo vertiginoso, alunos e professores confrontam-se com dificuldades crescentes em acompanhar e problematizar as transformações resultantes das relações cada vez mais complexas que se estabelecem entre questões de ordem social, política, económica, cultural e ambiental, num mundo cada vez mais global e interdependente. Segundo a Global Education Week Network (2010:16), no seu Guia prático para a educação global, «a necessidade da educação global como dimensão internacional nos métodos de ensino e aprendizagem na educação formal e não formal, para conduzir a uma melhor compreensão das questões atuais do mundo e do seu impacto local e global é, portanto, não apenas uma necessidade, mas um desafio ético no mundo atual»¹. De facto, a Geografia, enquanto ciência de charneira entre as ciências naturais e humanas, encontra-se numa posição privilegiada para responder a esse desafio.

Ao percorrermos os currículos do ensino básico e secundário, não encontramos nenhuma outra disciplina que seja tão capaz de capacitar os alunos para a compreensão daquelas questões, em escalas tão diversas – local, regional, nacional, transnacional, europeia,

mundial... -, dotando-os de conhecimentos, competências, valores e atitudes fundamentais para o exercício de uma cidadania ativa, participativa e mais consciente dos seus direitos e deveres. Segundo P. JACKSON (2009) «pensar geográfico é uma maneira poderosa de olhar o mundo (...), pode ajudar-nos a ver as conexões entre lugares e escalas, que outros frequentemente esquecem. Eis, porque nos devemos focalizar na gramática geográfica, bem como no seu infinito vocabulário. Este é o poder de se pensar geográfico»². Ao contrário das restantes áreas disciplinares do curriculum nacional, que se concentram, com maior ou menor amplitude, em estudos parcelares e fragmentários dos fenómenos naturais e humanos das sociedades contemporâneas, incidindo sobre uma escala temporal e/ou espacial bem circunscrita, a Geografia, enquanto disciplina de síntese, é aquela que melhores condições reúne para enquadrar o aluno no lugar, no país e no mundo em que vive, dotando-o de ferramentas que lhe permitam responder a questões sobre o território e as atividades humanas.

BAILLY, SCARIATI e SIMÕES (2009:16) lembram-nos que «o domínio da Geografia permite-nos perceber melhor a organização e o sentido dos territórios, os fluxos e a interação especial, as segmentações do mundo...e, de raciocinar de maneira espacial antes de se julgar ou de agir» e dá-nos a capacidade para «responder de forma

1) Guia Prático para a Educação Global, Global Education Week Network, Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, Lisboa, 2010.

2) Pensar geográfico é um dos lemas do «Manifesto da Geografia», apresentado pela Geographical Association sob o título «A diferente view» (2009).

3) In *Viagem à Geografia*, João Azevedo Editor, Mirandela, 2009.

4) Idem.

ponderada e proactiva às preocupações da sociedade atual, mormente no que diz respeito à coesão e qualificação de regiões e cidades, à preservação de valores ambientais e patrimoniais, à minimização de perigosidades e riscos ou, de forma mais geral, ao desenvolvimento económico, social e cultural sustentável dos territórios»³. Que outra disciplina do curriculum nacional melhor se dedica ao estudo exaustivo do território português, nas suas múltiplas dimensões (demográfica, política, económica, cultural, para citar as mais óbvias)? Que outra disciplina melhor permite a problematização e análise crítica do território onde o aluno vive e interage, em escalas tão diversas como a local, nacional e europeia e mundial? Que outra disciplina melhor promove o conhecimento das potencialidades e fragilidades desse(s) território(s) e do aproveitamento dos seus recursos endógenos? Que outra disciplina melhor consagra os princípios do desenvolvimento sustentável e das políticas de ordenamento do território em múltiplas escalas de análise?

Lembramos, a título de exemplo, que a disciplina de Geografia A é a única de todo o curriculum que possibilita que o jovem conheça e compreenda, em escalas de análise micro e macro, o país onde vive do ponto de vista económico, social, ambiental, paisagístico, climático, social, cultural... e as relações de interdependência que estabelece com os outros espaços e atores mundiais. A Geografia relembra-nos a importância dos lugares no que concerne à qualidade de vida, responsabilidade e solidariedade territoriais (BAILLY et al, 2009:23)⁴. Na verdade, nenhuma outra o ensina o aluno a ler o país, a Europa e o mundo como a Geografia o faz. Preocupante é o facto de apenas uma pequena percentagem de alunos do ensino secundário ter a possibilidade de frequentar esta disciplina já que se trata de uma disciplina bienal, específica e opcional, nos cursos de ciências socioeconómicas e de ciências sociais e humanas e em alguns cursos profissionais, pelo que a maior parte termina a sua escolaridade obrigatória sem um conhecimento suficientemente sólido do país onde vive.

Muitas escolas, encarregados de educação, alunos, os nossos pares e, sobretudo, a sociedade civil continuam a ignorar a relevância que o papel da educação geográfica assume na formação dos indivíduos, não porque a culpa seja deles, mas porque os agentes com responsabilidades no ensino da geografia não têm sido capazes de fazer esse trabalho de forma eficaz. A tendência é falarmos uns para os outros, num circuito fechado, onde as nossas ideias e mensagens têm dificuldade em chegar aos outros. Assim, torna-se fundamental a construção de novas formas de promoção e afirmação do valor da educação geográfica na escola do XXI, assumindo a sua vocação para ajudar a formar pessoas dotadas de pensamento crítico e capazes de agir de forma ativa, criativa, solidária e consciente na sociedade.

Fórum Económico e Social Paulo VI: apresentação e objetivos

O projeto pedagógico “Fórum Económico e Social Paulo VI” procura dar um contributo para afirmação da Geografia na formação integral dos nossos alunos,

assumindo-se como uma proposta educativa aberta, inovadora e multidisciplinar no panorama educativo do ensino secundário em Portugal. Esta iniciativa nasce da necessidade de criar um espaço na nossa escola que permita a todos os alunos do ensino secundário dos cursos de Ciências socioeconómicas e Línguas e Humanidades reunirem-se para participarem de forma ativa num debate amplo e especializado sobre temas estruturantes da sociedade portuguesa, para os quais o contributo da geografia é essencial. Assim, o departamento de ciências socioeconómicas do Colégio Paulo VI (constituído pelos professores de geografia e economia) decidiu que, uma vez por ano e durante um dia inteiro, todos os alunos inscritos naqueles cursos (cerca de cem alunos) passariam a reunir-se para se envolverem numa experiência de ensino “diferente”. Entre os principais objetivos deste projeto pedagógico constam:

- a) proporcionar aos alunos a possibilidade de contactar com um painel de reputados especialistas e investigadores de áreas científicas e disciplinares diversas;
- b) promover a interdisciplinaridade e a aproximação da geografia a outras áreas disciplinares e científicas (economia, história, ciências da comunicação, engenharia; arquitetura, direito, sociologia, entre outras);
- c) desenvolver estudos de caso a partir de núcleos temáticos estruturantes para a compreensão da sociedade portuguesa, tendo em consideração a nossa relação com a Europa e mundo;
- d) estimular a produção de reflexões individuais e coletivas a partir de trabalho orientado de pesquisa e análise, apostando no desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos;
- e) promover momentos de debate alargado em torno das situações problema relacionados com os núcleos temáticos estruturantes;
- f) fomentar o espírito de identidade e de grupo entre os alunos dos cursos de ciências socioeconómicas e ciências sociais e humanas, reforçando a sua auto-estima e valorizando os seus percursos académicos;
- g) desenvolver competências organizativas e de trabalho colaborativo entre todos os alunos e professores envolvidos nesta iniciativa;
- h) contribuir para valorização e dignificação da educação geográfica, através da afirmação da sua identidade e importância, conferindo-lhe uma maior visibilidade junto da comunidade escolar e da sociedade civil;
- i) promover espaços de sociabilidade entre os alunos dos cursos de ciências socioeconómicas e ciências sociais e humanas.

3 anos a afirmar e a promover a educação geográfica

Iniciado no ano letivo de 2010/2011, o Fórum Económico e Social Paulo VI vai já na sua terceira edição e o êxito alcançado nas edições anteriores permite-nos acreditar na continuidade deste projeto.

Quadro-Síntese 1 - I Fórum Económico e Social Paulo VI

Data: 20 de Maio de 2011

Núcleo temático agregador: **"O papel das novas gerações no desenvolvimento de Portugal: política – empreendedorismo – educação – cultura."**

Conferências temáticas/oradores convidados:

"Os jovens e o empreendedorismo"

Prof. Dr. Alberto Castro (Universidade Católica do Porto)

Prof. Dr. Rui Vinhas da Silva (ISCTE)

"Os jovens e a política"

Prof. Dr. Carlos Jalali (Universidade de Aveiro)

Prof. Dr. Milan Rados (Universidade do Porto)

Mesa Redonda "Os jovens e a educação":

Eng.º Rui Castro (Informática), Prof. Vítor Fontes (Geografia); Prof. João Fonseca (Filosofia); Professor Jorge Lopes (Economia) - professores do Colégio Paulo VI.

Mesa Redonda "Os jovens, os valores e a cultura":

Antigos alunos dos cursos de ciências socioeconómicas e sociais e humanas do Colégio Paulo VI.

Esta terceira edição trouxe algumas alterações positivas relativamente às edições anteriores. Embora o público-alvo desta iniciativa pedagógica sejam os alunos do ensino secundário dos cursos de Economia e Línguas e Humanidades, pela primeira vez, todos os alunos que quiseram (do 9º ao 12º), puderam inscrever-se e participar, assim como os encarregados de educação, os alunos e professores de outras escolas, e a sociedade civil em geral. Pela primeira vez, também, conseguimos estabelecer um conjunto de parcerias, envolvendo diferentes instituições científicas e agentes educativos neste projeto, conferindo-lhe maior visibilidade mediática e credibilidade científica. Assim, foram nossos parceiros as seguintes instituições: Hospital Escola da Universidade Fernando Pessoa; Associação de Professores de Geografia; Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT-Universidade do Porto); Europe Direct (Porto); Centro de Informação Europeia Jacques Delors; Biblioteca Municipal de Gondomar; Porto Editora.

Outra alteração na edição deste ano foi o local escolhido para a realização do Fórum. Resultado de uma parceria com o recém inaugurado Hospital Escola da Universidade Fernando Pessoa, os trabalhos decorreram no grande auditório daquela instituição. Este espaço, equipado com os melhores meios tecnológicos e dotado de excepcionais condições de conforto, permitiu que pudéssemos acolher da melhor forma todos os participantes. Nas edições anteriores, os trabalhos decorreram no auditório do nosso Colégio que, apesar de estar dotado com todos os meios técnicos para uma iniciativa deste género, apresenta limitações quanto à capacidade de lugares.

Nesta edição contamos, também, pela primeira vez, com a brilhante participação do Grupo de Teatro do Colégio Paulo VI "Didascálias" e com a cobertura jornalística do evento realizada pelo Porto Canal, que mereceu uma reportagem televisiva realizada no local e que passou no programa "Territórios" do dia 11 de março deste ano.

Ao longo do dia, foram debatidas temáticas relacionadas com os desafios que Portugal e a União Europeia enfrentam, atualmente, ao nível da cidadania e da democracia, da economia e da competitividade, da política e das instituições e da relação com os Outros. Cruzaram-se, assim, leituras e olhares multidisciplinares sobre cada uma das temáticas em análise, o que permitiu aos presentes um melhor aprofundamento e uma maior problematização dos temas em debate.

Destacamos, ainda, a qualidade e o elevado nível das comunicações apresentadas pelos nossos alunos dos Cursos de Economia e Línguas e Humanidades sobre as questões nacionais e europeias. Queremos, cada vez mais, que os nossos alunos sejam parte ativa neste projeto, colaborando de forma muito empenhada e responsável na organização e logística de todo o evento e tomando a palavra, não só para colocarem questões aos convidados, mas, também, para expressarem o seu pensamento e opinião crítica e fundamentada sobre os assuntos em debate.

Quadro-Síntese 2 - II Fórum Económico e Social Paulo VI

Data: 2 de Maio de 2012

Núcleo temático agregador: **"Portugal e o Hypercluster do Mar: energia – pescas – transportes – logística – política - defesa."**

Conferências temáticas/oradores convidados:

Portugal e o Mar: os Transportes e a Logística

Eng.º Matos Fernandes (APDL – Porto de Leixões)

Portugal e o Mar: a Energia

Eng.º João Maciel (EDP Inovação)

Prof. Dr. Paulo Silva (CESAM - Universidade de Aveiro)

Portugal e o Mar: as Pescas

Prof. Dra. Ana Queiroga (DOCAPESCA)

Portugal e o Mar: a política e a defesa

Almirante Nuno Vieira Matias (Marinha Portuguesa)

Sessões de filme documentário sobre a temática

Quadro-Síntese 3 - III Fórum Económico e Social Paulo VI

Data: 8 de Maio de 2013

Núcleo temático agregador: **"Portugal e a União Europeia em tempo de crise(s): compreender o passado, debater o presente, perspectivar o futuro".**

Conferências temáticas/oradores convidados:

Portugal e a União Europeia: a relação com os Outros

Prof. Dra. Ana Brandão (Universidade do Minho)

Portugal e a União Europeia: a economia e a competitividade

Prof. Dr. Rui Henrique Alves (Universidade do Porto)

Prof. Dra. Teresa Sá Marques (CEGOT - Universidade do Porto)

Portugal e a União Europeia: a cidadania e a democracia

Dr. Isabel Amorim Costa (Associação de Professores de Geografia)

Dr. João Pedro Frutuoso (Europe Direct Porto)

Sessões de filme documentário sobre a temática:

Portugal, um retrato social: um país como os outros – a formação de uma sociedade europeia.

Avaliação e ideias para o futuro

Três anos depois da primeira edição, consideramos essencial fazer uma avaliação desta iniciativa. Assim, solicitamos a todos os nossos alunos dos 10.º, 11.º e 12.º anos que respondessem anonimamente a um questionário bastante detalhado acerca de aspectos como a pertinência dos temas em debate, da qualidade das comunicações apresentadas, das condições organizativas e de conforto, entre outros. O balanço feito pelos alunos foi bastante positivo, já que a quase todos avaliam como muito positiva ou excelente esta iniciativa (gráficos 1 e 2).

Como avalias globalmente a iniciativa académica "Fórum Económico e Social Paulo VI"?

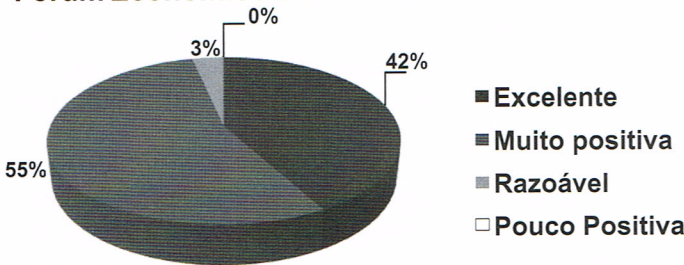


Gráfico 1 - Avaliação global da iniciativa "Fórum Económico e Social Paulo VI"

Como avalias globalmente a iniciativa académica "Fórum Económico e Social Paulo VI"?

Benefícios/vantagens decorrentes da iniciativa Fórum Económico e Social	10.º		11.º		12.º		TOTAL	
	PONTOS	POSIÇÃO	PONTOS	POSIÇÃO	PONTOS	POSIÇÃO	PONTOS	POSIÇÃO
12.1.	53	9. ^a	73	8. ^a	76	8. ^a	202	9. ^a
12.2.	86	7. ^a	101	7. ^a	117	7. ^a	304	7. ^a
12.3.	86	7. ^o	58	9. ^a	65	9. ^a	209	8. ^a
12.4.	151	3. ^a	150	3. ^a	139	6. ^a	440	4. ^a
12.5.	112	6. ^a	130	5. ^a	174	4. ^a	416	5. ^a
12.6.	138	4. ^a	141	4. ^a	193	3. ^a	472	3. ^a
12.7.	125	5. ^a	104	6. ^a	158	5. ^a	387	6. ^a
12.8.	183	2. ^a	157	2. ^a	211	2. ^a	551	2. ^a
12.9.	193	1. ^a	170	1. ^a	217	1. ^a	580	1. ^a

Benefícios/vantagens decorrentes da iniciativa Fórum Económico e Social

- 12.1. Aprofundar/ ampliar os conhecimentos/ temas estudados nas aulas de Geografia
- 12.2. Compreender melhor as aprendizagen realizadas nas aulas de Geografia (ex. esclarecer dúvidas)
- 12.3. Contactar com outras "leituras"/ "visões" acerca de uma mesma problemática geográfica
- 12.4. Expressar a tua opinião sobre as temáticas geográficas em debate

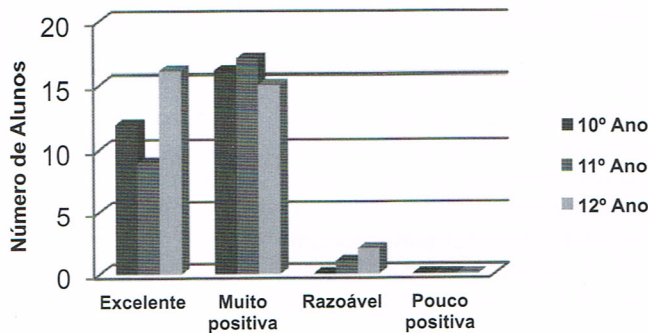


Gráfico 2 – Avaliação global da iniciativa "Fórum Económico e Social" por ano de escolaridade

Quando questionados acerca dos benefícios/ vantagens decorrentes da participação na iniciativa "Fórum Económico e Social Paulo VI", os alunos destacam o convívio e o reforço dos laços com os colegas de curso e professores, e o aumento da sua auto-estima enquanto alunos dos Cursos de Ciências Socioeconómicas e Línguas e Humanidades. Refira-se que, para aferição das preferências dos alunos, foi o utilizado o Método da Contagem de Borda.

- 12.5. Aumentar a motivação pelo estudo da Geografia e pela escola
- 12.6. Aumentar a tua auto-estima enquanto aluno do Curso de Ciências Socioeconómicas ou do Curso de Línguas e Humanidades
- 12.7. Compreender a importância da Geografia na tua formação
- 12.8. Conviver e reforçar os laços com os teus colegas de curso
- 12.9. Conviver e reforçar os laços com os teus professores

Relativamente à avaliação dos núcleos temáticos agregadores discutidos em cada uma das edições, podemos verificar que a avaliação feita pelos alunos é, também, bastante positiva, na medida em que em qualquer uma das edições os temas discutidos foram considerados “interessantes” ou “muito interessantes”, embora o tema da terceira edição tenha sido o que obteve uma manifestação de interesse menos positiva entre os nossos alunos (ver gráficos 3, 4 e 5).

Como avalias o interesse do tema discutido no I Fórum "O papel dos jovens no desenvolvimento de Portugal"?

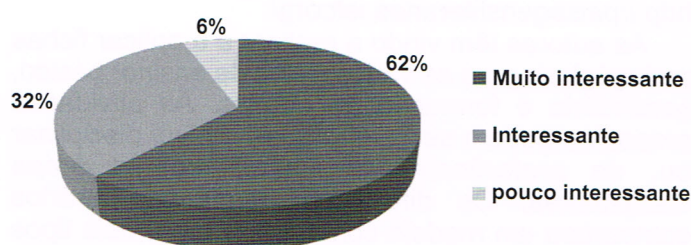


Gráfico 3 – Avaliação do interesse do tema do I Fórum Económico e Social

Como avalias o interesse do tema discutido no II Fórum "O Portugal e o Hipercluster do Mar"?

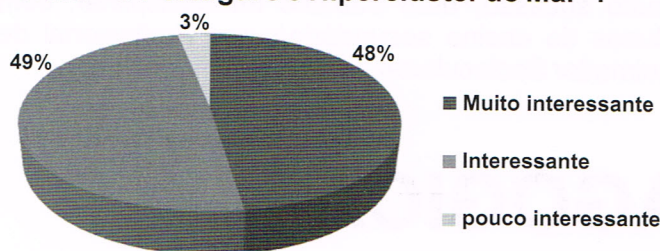


Gráfico 4 – Avaliação do interesse do tema do II Fórum Económico e Social

Como avalias o interesse do tema discutido no III Fórum "Portugal e a União Europeia: compreender o passado, debater o presente e perspetivar o futuro"?

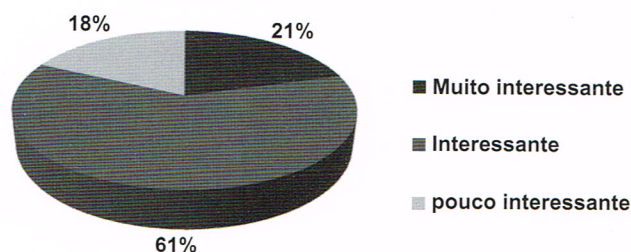


Gráfico 5 – Avaliação do interesse do tema do III Fórum Económico e Social

No sentido de procurar corresponder aos anseios e expectativas dos nossos alunos, decidimos consultá-los acerca de possíveis temas que possam constituir-se como núcleos temáticos agregadores para futuras edições. Assim, os alunos propuseram um conjunto diversificado de temas, dos quais destacámos: “O Turismo em Portugal: fragilidades, potencialidades e oportunidades” (17,1%) - “Portugal e a crise demográfica: do envelhecimento à nova vaga de emigração” (11,4%) - “A redescoberta da agricultura portuguesa e as novas coordenadas para desenvolvimento rural: um campo de oportunidades” (10,7%).

Nas próximas edições procurar-se-á implementar um conjunto de novas estratégias e iniciativas que permitirão aos nossos alunos o desenvolvimento de novas competências e a aquisição de novas aprendizagens, das quais se salientam:

- a possibilidade de os alunos participarem em sessões temáticas paralelas, complementares às conferências principais, em modalidade de workshops, seminários, oficinas, entre outras;
- a publicação anual de um livro com as reflexões produzidas pelos alunos sobre a temática em debate;
- o alargamento e reforço das parcerias com outras instituições;
- a possibilidade de se realizarem saídas de estudo temáticas.

Considerações finais

A iniciativa Fórum Económico e Social Paulo VI tem vindo a assumir-se como um projeto inovador no âmbito da afirmação e promoção da educação geográfica pelas experiências de aprendizagem proporcionadas aos alunos, pela abertura e diálogo interdisciplinar que promove, pelo reconhecimento do seu valor, interesse e aceitação junto dos alunos e da comunidade educativa. Acreditamos que este projeto, pelas suas características, pode ser implementado com sucesso noutras escolas e com custos muito reduzidos, criando-se uma rede capaz de garantir à Geografia a visibilidade e o protagonismo que ela realmente merece enquanto disciplina imprescindível na formação integral dos alunos.

Laboratório Didáctico

Percursos literários e pedagógicos

Ana Lavrador Silva¹ e Ana Cristina Tavares²

As autoras participam num projeto de investigação interdisciplinar denominado «Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental» (APLPC) desenvolvido pelo Centro de Investigação IELT (Instituto de Estudos de Literatura Tradicional) da Universidade Nova de Lisboa. No âmbito deste projeto, para o qual obtiveram equiparação a bolsas pelo Ministério da Educação e Ciência no ano letivo de 2010-2011, têm vindo a desenvolver fichas pedagógicas relativas a percursos literários com aplicabilidade a vários níveis de ensino e diferentes áreas disciplinares.

O projeto APLPC apoia-se em termos teóricos nos fundamentos do ecocríticismo e assenta num corpus literário de escritores nacionais e estrangeiros, dos séculos XIX até à atualidade, que possuam representações das paisagens de Portugal nas suas obras. Pretende-se potenciar a recíproca valorização das obras literárias e das paisagens que nelas se representam e contribuir para o conhecimento do património natural e cultural português e para a melhoria da literacia ambiental. Na metodologia seguida, as **representações das paisagens de**

Portugal Continental contidas nos excertos literários são registadas numa base de dados georreferenciada, à qual estão associados descritores geográficos e ecológicos. Poder-se-ão obter mais informações sobre o projeto APLPC no *website* de divulgação no seguinte endereço: <http://paisagensliterarias.ielt.org/>.

As autoras têm vindo a realizar e a aplicar fichas pedagógicas para os vários ciclos de ensino: básico, secundário e formação de adultos. As atividades propostas podem ser trabalhadas a nível disciplinar ou, de preferência, integrar diferentes áreas disciplinares. Os diferentes percursos literários comportam um modelo comum que inclui dois tipos de ficha: 1) Ficha de orientação pedagógica, destinada ao docente e 2) Ficha da atividade, destinada ao aluno. Nesta publicação apresentamos um exemplar de cada uma das fichas relativas a um percurso pessoano em freguesias históricas de Lisboa. Este percurso já foi experimentado, com muito sucesso, num trabalho interdisciplinar, com alunos do ensino secundário/curso Profissional de Animador Sociocultural.

FICHA PEDAGÓGICA

Visitar Lisboa com Pessoa

1. Competências/Objetivos

A partir de excertos da obra de Fernando Pessoa indicada na bibliografia, pretende-se reconhecer lugares, património arquitetónico e artístico da capital que possam simbolizar a identidade de alguns bairros antigos da cidade.

2. Ciclo de ensino

Secundário e Formação de Adultos

3. Disciplina(s)

Português; Geografia; História; Língua e Comunicação.

1) Professora de Geografia, Mestre em Geografia Física e Ambiente, Doutorada em Artes e Técnicas da Paisagem
2) Professora de Português e Francês, Doutorada em Literatura Comparada

4. Duração

Aproximadamente 2h.

5. Material (caderno, computador, manual, máquina fotográfica, outros)

Planta da cidade; máquina fotográfica/filmar; bloco de notas; caneta
Excertos da obra do autor.

6. Metodologia (trabalho individual, em grupo, debate, pesquisa na Biblioteca Escolar, na internet, visita de estudo, trabalho de campo...)

Visita de estudo pedestre a freguesias históricas da cidade de Lisboa, nomeadamente Graça e S. Vicente de Fora
Organização da visita: os alunos/formandos devem-se agrupar em grupos de dois/três elementos para recolha das informações /imagens

7. Etapas de desenvolvimento da atividade

Para os guias:

- 1) Consultar os excertos da obra indicada na bibliografia;
- 2) Pesquisar informações sobre os bairros a estudar e os elementos da paisagem mencionados na obra pessoana (no caso da atividade ser interdisciplinar);
- 3) Estruturar um guia da visita de estudo o qual poderá ser em suporte escrito ou em transmissão multimédia (*podcast*).

Para os alunos:

- 1) Acompanhar a visita guiada participando com questões e retirando informações e imagens;
- 2) Elaborar um trabalho para avaliação que poderá consistir em:
 - a. Relatório pormenorizado;
 - b. Apresentação em *PowerPoint*
 - c. Filme a colocar no *youtube*
 - d. Cartaz a afixar no recinto escolar
 - e. Redigir um pequeno artigo para o jornal escolar ou outra publicação em linha como um blogue da turma ou da escola
 - f. Elaborar um portefólio de desenhos ou pinturas sobre essa paisagem

8. Observações (variantes, possibilidades de prolongamento...)

Confrontar o percurso pessoano com a poesia desse autor.

Procurar outras representações desses bairros, em diferentes épocas históricas e suportes (pintura, fotografia, filmes, documentários, outros), no caso de haver colaboração de várias disciplinas.

A abordagem desta atividade poderá passar pela elaboração, pelos alunos, de uma transmissão multimédia (*podcast*), tendo por base os textos pessoanos.

As atividades sugeridas em cada uma das paragens deste itinerário (a partir do nº 2 inclusive) poderão dar origem a um trabalho de grupo a ser apresentado em sala de aula para auto e heteroavaliação.

Caso a equipa pedagógica faça coincidir a visita com um dia de Feira da Ladra (terça-feira e sábado), pode ser aplicado um breve inquérito, previamente elaborado em sala de aula, dirigido a vendedores e a compradores, para indagar as suas vivências na Feira da Ladra.

Pessoa, Fernando (2007). *Lisboa: o que o turista deve ver. What the tourist should see. Lisboa : Livros Horizonte, 4ª Ed., pp. 51-55.*

ATIVIDADE

Visitar Lisboa com Pessoa

Os excertos apresentados constam do livro de Fernando Pessoa *Lisboa: o que o turista deve ver. What the tourist should see*, Lisboa, 2007, Livros Horizonte, 4ª Ed., pp. 51-55.

1. MIRADOURO DA SRª DO MONTE

“[...] Senhora do Monte, uma colina do cimo da qual se pode desfrutar uma das mais belas vistas de toda a Lisboa, seja à noite, seja ao nascer ou ao pôr-do-Sol”.

O(s) professor(es) fornecem explicações sobre o crescimento territorial da cidade de Lisboa. Em seguida pede-se aos alunos para identificarem e registarem numa planta, elementos emblemáticos do património da cidade (monumentos, jardins, igrejas, hospitais, ...) que se avistem do miradouro. Os participantes devem, no local e posteriormente, documentar-se sobre a data de construção e a história da Igreja, assim como aspetos relativos à procissão do Senhor dos Passos (percurso, elementos do património religioso, tipo de participantes).

3. RUA DA VOZ DO OPERÁRIO

“Descendo pela Rua da Voz do Operário, o automóvel pára agora em frente de outro majestoso templo – a igreja de São Vicente de Fora – onde há muito para admirar.”

Os participantes devem recolher informação no local e posteriormente sobre a Associação Voz do Operário, nomeadamente factos relevantes da sua história.

Quanto à Igreja São Vicente de Fora pedem-se as seguintes informações: data de construção e reconstrução, reinados, arquiteto, elementos patrimoniais.

4. LARGO DA IGREJA DE S. VICENTE DE FORA

“Onde antigamente era o refeitório do convento está agora instalado o Panteão Real da Casa de Bragança [...] há uma escadaria de pedra que leva ao Liceu de São Vicente [...]. O Panteão tem 36 metros de comprimento e 9 de largura; há duas partes laterais elevadas onde estão colocadas os caixões e urnas com os restos mortais de reis e príncipes.”

Reconhecer as funcionalidades do convento, à época de Fernando Pessoa (panteão e escola) e atualmente (panteão e espaço museológico), como mote para uma reflexão sobre a evolução funcional dos espaços urbanos, consoante as circunstâncias sociais, políticas, económicas de cada época.

5. CAMPO DE ST. CLARA

Saindo do largo de S. Vicente pela esquerda e passando sob o arco lateral, chegamos a um vasto espaço, o Campo de Santa Clara, onde todas as terças e sábados se pode observar a Feira da Ladra, um pitoresco mercado de sobras e restos, uns aproveitáveis, outros nem tanto, uns novos, outros velhos, mas todos eles constituindo sem dúvida um negócio realmente proveitoso para os estranhos vendedores que nestes dias espalham os seus artigos ao longo dos passeios ao ar livre.”

Propor uma pesquisa sobre a origem, as funcionalidades e o percurso na cidade da Feira e a sua importância simbólica para a população da cidade e ponto de interesse turístico.

No espaço **Mercado de Santa Clara** efetuar um levantamento das lojas e de produtos em venda.

6. JARDIM BOTTO MACHADO

“A seguir a este largo há um pequeno jardim, à esquerda do qual fica o Tribunal Militar.”

Distribuir os participantes pelos bancos do jardim e pedir para registarem essa experiência, naquele tempo e espaço. Podem utilizar diferentes suportes (fotografia, desenho, texto descritivo, poema, crónica, ...).

Pesquisar informações sobre a história do jardim Botto Machado, espécies da flora e da fauna e equipamentos (quiosque, parque infantil, outros).

7. PANTEÃO NACIONAL

“Descendo, encontramos à nossa direita uma construção que, se porventura tivesse sido acabada, teria sido um dos mais belos monumentos religiosos do século XVII; é a igreja de Santa Engrácia, toda de cantaria, com mármore maravilhosamente trabalhados. Pensou-se um dia adaptar este edifício a Panteão Nacional, mas o projeto até hoje ainda não foi por diante. Mesmo assim inacabada, esta igreja é digna de ser vista. Presentemente está a ser usada como depósito militar.”

Visita guiada ao Panteão Nacional, na qual os participantes devem tomar conhecimento da história do monumento o que permite perceber a origem da expressão “obras de Santa Engrácia”. Devem também reconhecer figuras emblemáticas que aí repousam, bem como outros elementos pertinentes da sua história. No âmbito da visita guiada devem obter informações centradas num pequeno inquérito preparado em sala de aula. Este versará sobre os seguintes aspetos: eventos, perfil dos visitantes, futuras exposições.

8. CAMPO ST. CLARA

“Descendo um pouco mais, vemos, um pouco abaixo, a Fábrica de Armas, que está contígua ao Arsenal do Exército. O Hospital da Marinha é também aqui e data do século XVIII.”

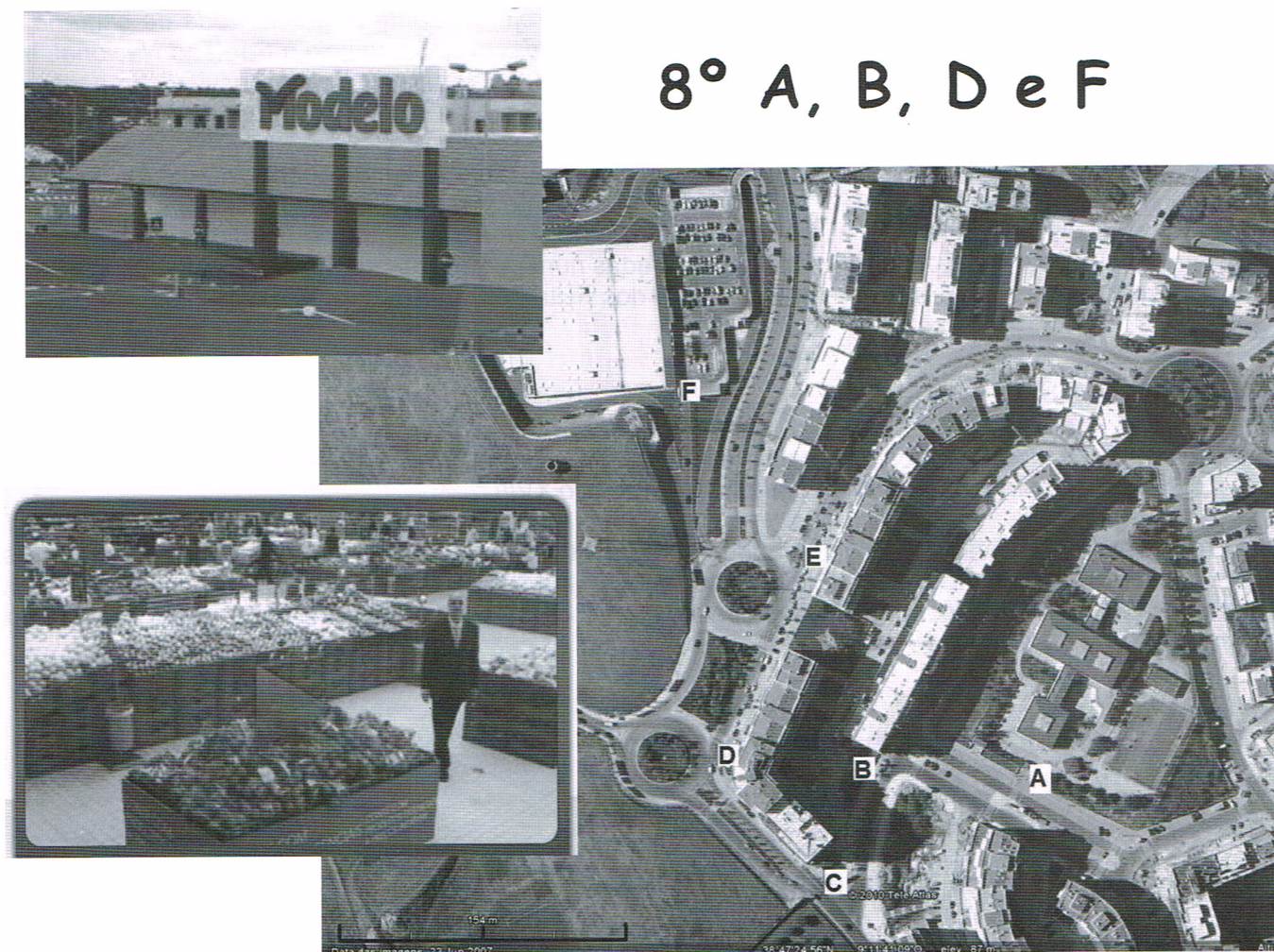
Propor uma pesquisa relativa à história da Fábrica de Armas e Hospital da Marinha e às funcionalidades destes espaços. Como complemento desta atividade deverá ser agendada uma visita ao espaço museológico e biblioteca das OGFE e identificar publicações desses organismos estatais, a fim de elaborar um relatório sobre essa experiência.

Escola E.B. 2,3 António Gedeão (Odivelas) 2011-2012

Guião do Trabalho de Campo no Continente-Modelo de Arroja

"A Origem dos Produtos numa Superfície Comercial"

8º A, B, D e F



Dinamizador: *Henrique Martins (geografia)*

Colaboração: *Mª Amália Mestre, Madalena Moura, Fernando Couto e José Paulo Pereira*

abril de 2012

Mudanças no Comércio Retalhista¹

As últimas décadas ficam marcadas na sociedade portuguesa por uma verdadeira revolução comercial.

A função do comércio sempre foi a de levar junto dos consumidores os bens disponibilizados pelos produtores.

O comércio é um setor chave da sociedade contemporânea. A ida às compras e a miragem das montras encontram-se entre as atividades de lazer mais importantes dos europeus. O comércio gera múltiplos fluxos, liga lugares e dá vida à cidade.

Foi graças às grandes superfícies que a oferta e a possibilidade de escolha nas lojas adquiriu uma variedade tão estonteante que os consumidores hoje não só satisfazem as suas necessidades como realizam os desejos mais requintados.

São as cadeias que têm permitido à grande massa de consumidores das pequenas cidades e vilas do interior contatar com as últimas novidades lançadas na alimentação, na higiene pessoal, nos produtos de limpeza e do bazar, até há bem pouco tempo confinadas a algumas lojas dos grandes aglomerados urbanos e apenas acessíveis à população dotada de maiores recursos económicos.

Uma em cada três compras não é planeada e raros são os consumidores que não se deixam levar por impulsos. Para aproveitar este potencial de vendas, a circulação interna e a localização dos diferentes tipos de produtos são cuidadosamente planeadas, obrigando os consumidores a desfilarem em frente do supérfluo, estrategicamente colocado nas alas centrais, nos topos das gôndolas, nos pontos chave dos lineares, antes de chegar aos locais onde se encontram os bens essenciais.

Entre mudanças dos estilos de vida que mais contribuíram para o sucesso das grandes superfícies e à qual os retalhistas prontamente deram resposta, encontra-se a integração da mulher no mercado de trabalho. Ao trabalharem fora de casa as mulheres passaram a ter menos tempo disponível para fazer as compras e sobretudo para poderem percorrer várias lojas à procura do lugar onde poderiam comprar mais barato. Por isso, perante a oportunidade de poder adquirir tudo o que era necessário para alimentar a família e manter a casa limpa durante a semana, debaixo do mesmo teto e numa só viagem, outra reação não seria de esperar da sua parte que a adesão total.



A primeira reação das grandes superfícies foi a de diversificar a gama de bens oferecidos. Em média, um supermercado coloca à disposição dos consumidores 12 mil referências na área alimentar.

Em cerca de duas décadas, as grandes cadeias de distribuição revolucionaram completamente os hábitos alimentares dos portugueses, passando de uma nação do café com leite, do caldo verde, do bacalhau e do cozido à portuguesa, para um servil devoto dos "matinais", das sopas instantâneas, dos iogurtes, das pizzas e das massas italianas. Antes do aparecimento dos



¹ As frases que compõem o texto foram retiradas do livro "O Comércio Retalhista Português: Pós-Modernidade, Consumidores e Espaço" de Herculano Cachinho, edição de 2002 do GEPE.

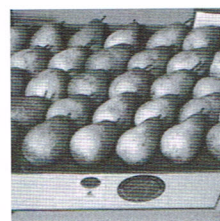
supermercados poucos tinham ouvido falar das natas, do *patê* ou dos iogurtes, e menos ainda eram aqueles que os tinham provado.

Relacionado com a alimentação saudável encontra-se também o crescimento do consumo de legumes e frutos frescos e o interesse cada vez maior das grandes superfícies por este segmento de mercado. Tradicionalmente estes produtos eram vendidos por pequenos retalhistas localizados nas áreas residenciais.



Uma vez lançados no ramo, as cadeias de distribuição rapidamente alargaram o espaço que dedicavam a este tipo de bens e aumentaram a sua quota de mercado através da introdução de novos produtos. Atualmente é possível encontrar em alguns hipermercados mais de duas mil referências nesta área, que vão desde os vulgares legumes nacionais aos produtos mais exóticos.

É a preocupação com a aparência e o poder da imagem que explica, por exemplo, que as cadeias de distribuição se mostrem tão reticentes em vender os produtos biológicos nas suas lojas. Uma coisa pelo menos abona a favor desta atitude dos comerciantes: são os mesmos consumidores que se dizem defensores do ambiente, contra a utilização excessiva dos fertilizantes artificiais e dos pesticidas e que se mostram dispostos a comprar os “produtos verdes”, que numa grande superfície perante o ar anémico e a heterogeneidade das formas e tamanhos dos produtos biológicos acabam por optar pelos produtos normalizados, menos ecológicos e de menor qualidade, mas com um visual bem mais atraente. Nos últimos anos, os avanços da engenharia genética têm reforçado o papel da aparência incentivando a produção de novos alimentos, geneticamente manipulados, com formas, tamanhos, cores e capacidade de conservação fantásticas.

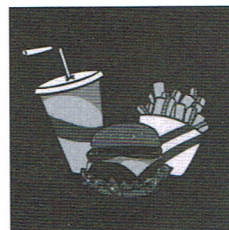


As cadeias de distribuição tiveram um papel determinante na mudança dos hábitos de consumo, fundamentalmente, não porque produzissem os novos produtos, mas porque ajudaram a difundi-los junto da grande massa de consumidores.



A democratização do consumo de inúmeros produtos, ou pelo menos do seu consumo generalizado pela população portuguesa, sobretudo se são de origem estrangeira, como os queijos e *patês* franceses, os frutos exóticos e uma grande diversidade de “pratos étnicos”, deve-se sobretudo ao desenvolvimento das grandes superfícies e das suas poderosas redes de distribuição.

Além das facilidades concedidas pelos novos produtos e pela possibilidade de agrupar as compras num só estabelecimento e numa só deslocação motorizada, sem ter dificuldades em estacionar, a conveniência e a comodidade das grandes superfícies manifestam-se ainda pelos horários de funcionamento alargados que praticam durante todos os dias da semana. A associar a este facto regista-se ainda que muitas vezes o ato do abastecimento passou a ser participado por toda a família e inclui, frequentemente, uma refeição ligeira fora de casa, quase sempre nas cafetarias ou *fast-foods* do hipermercado, adquirindo o ato do abastecimento outras funções, como a de reunir a família ou a de incentivar a partilha de algumas tarefas da esfera doméstica.



Naturalmente, as grandes superfícies são apenas um dos fatores que contribuíram para a modificação dos hábitos de consumo. A globalização da economia, a mediatização da sociedade, as férias no estrangeiro e a multiculturalidade têm permitido a circulação de produtos e ideias vindas de toda a parte.

Sidnei e o sumo de laranja.²

Nalguns países europeus, o sumo de laranja à venda nos supermercados vem do Brasil, um país da América do Sul. As laranjas são cultivadas em grandes pomares. As colheitas vão de maio a janeiro. Toda a gente tem de ajudar, até mesmo as crianças. Por isso, elas não têm tempo para ir à escola.

Além disso, a escola é cara porque as crianças precisam de livros e canetas, mas as famílias precisam do dinheiro para comer.



Nestes laranjais, cada trabalhador apanha cerca de 2000 Kg de laranjas por dia. Os trabalhadores têm de encher o seu saco 80 vezes por dia. O saco é transportado aos ombros e pesa entre 25-30 Kg (contendo mais ou menos 150 laranjas). Os trabalhadores recebem 25 Euros por semana, o que apenas chega para as coisas mais importantes de que necessitam. O seu trabalho é muito duro e ganham mal por isso os seus filhos também têm de trabalhar.

Uma destas crianças é o Sidnei, de 12 anos. Os seus pais e o seu irmão também trabalham num grande pomar de laranjas. Por vezes, têm de trabalhar das 6 horas da manhã às 8 horas da noite. Ganham menos de um cêntimo por cada 16 laranjas – o número de laranjas necessário para fazer um litro de sumo. Na loja, cada litro de sumo custa **1 €**, ou seja, 100 cêntimos!



O pai do Sidnei tem problemas na coluna pelo facto de carregar laranjas e, por isso, agora já não é capaz de carregar tantas como no passado. O Sidnei sabe que lhe pode vir a acontecer o mesmo.

O Sidnei quer ser bancário, o que significa que precisa de mais tempo para ir à escola. À noite, está muito cansado para brincar com os amigos, por isso, espera pelos Domingos para jogar futebol com eles, porque nesse dia não tem de trabalhar.

- Em conjunto com os teus colegas ou familiares, discute a razão pela qual, nalguns países europeus, o preço do sumo de laranja brasileiro é, por vezes, mais barato do que, por exemplo, o sumo produzido localmente?
- Pensa na situação do Sidnei. Como poderia a sua família ganhar mais dinheiro?
- Que outro sumo gostas de beber? Esse sumo também faz uma longa viagem? Pensa no pomar mais próximo – a que distância fica?
- Como seria o mundo sem possibilidade de transportar os produtos de uns **países/regiões/continentes** para outros?

² "Crianças a Caminho de Milão. Manual – zoom 2003. Versão para Portugal"

Pesca sustentável - 3º Ranking de Supermercados – 2010 (Greenpeace) ³

Supermercados já reconhecem a sua responsabilidade

Quatro dos seis grupos de retalhistas incluídos no Ranking já adotaram uma política de compra e venda de peixe sustentável - três das quais já se encontram disponíveis para consulta do consumidor.

Em 2010, dois anos depois do lançamento da campanha da Greenpeace, o conceito de sustentabilidade parece ter sido interiorizado pela maioria dos retalhistas em Portugal.

O Lidl é o retalhista que está mais empenhado em melhorar as suas práticas de comercialização de pescado. A Sonae desenvolveu uma política de compra de peixe que tornará pública ainda este ano e tem dado passos largos para recuperar o atraso inicial, definindo práticas de comercialização de pescado responsáveis e sustentáveis. A Auchan tem apostado em melhorias graduais mas seguras e continua a trabalhar no desenvolvimento da sua política de compra e venda de peixe.

O grupo Carrefour, detentor da marca Dia, tem demonstrado vontade de incorporar o princípio da sustentabilidade nas suas operações a nível internacional. No entanto, em Portugal, o retalhista continua sem apresentar medidas concretas, limitando-se a fornecer uma cópia da sua política de pescado internacional.

Os Mosqueteiros afirmam ter desenvolvido uma política de pescado para melhorar a sustentabilidade dos produtos de marca própria, mas continuam sem fornecer um documento comprovativo e as prateleiras das suas lojas espelham uma realidade contraditória.

O grupo Jerónimo Martins é o único retalhista em Portugal que continua sem responder à Greenpeace, ignorando o apelo de milhares de consumidores para que adote uma política de compra e venda de peixe que valorize a sustentabilidade dos ecossistemas marinhos.

Demasiadas espécies de peixe ameaçadas nas prateleiras

Embora a maioria dos supermercados continua a vender um número elevado de espécies da Lista Vermelha da Greenpeace, três cadeias de distribuição alimentar já estão a dar sinais positivos. Para manter o equilíbrio dos ecossistemas marinhos, os supermercados têm que acelerar a descontinuação das espécies de peixe ameaçadas.

O Lidl descontinuou a venda de uma série de espécies de peixe (tubarões, espécies de profundidade, solhas, peixe-espada e peixes-vermelhos); a Sonae já não comercializa duas espécies vulneráveis (cação e alabote da Gronelândia) e pretende reduzir as vendas de tamboril. A Auchan tomou a decisão de terminar a venda de todas as espécies de tubarão ameaçadas. Para além disso, os três grupos afirmam ainda estarem empenhados em aumentar a oferta de bacalhau de linha e bacalhau proveniente de stocks bem geridos.

É de realçar que o Lidl evita a comercialização de peixe proveniente da pesca de arrasto. Também a Sonae está a dar os primeiros passos nesta direção, embora ainda tímidos, ao reduzir o abastecimento de peixe capturado por arrasto em 10%.

Contrastando com os esforços dos retalhistas mais responsáveis, o grupo Os Mosqueteiros e o grupo Jerónimo Martins vendem quase todas as espécies de peixe presentes na Lista Vermelha da Greenpeace e não apresentam qualquer iniciativa para reajustar da sua gama de produtos do mar.



³ <http://www.greenpeace.org/portugal/pt/O-que-fazemos/Campanha-Dos-Oceanos-Mercados-em-Portugal/ranking3/>

A realização deste trabalho de campo no CONTINENTE-MODELO de Arroja pretende proporcionar, aos alunos das turmas do 8º ano da Escola EB 2,3 António Gedeão, uma experiência de aprendizagem mais ativa e interessante sobre "A Origem dos Produtos numa Superfície Comercial".

Com esta atividade pretende-se que os alunos:

- Identifiquem produtos dos setores primário e secundário;
- Identifiquem e localizem países de onde são importados produtos agrícolas e agroindustriais e os associem aos respetivos continentes;
- Compreendam que a aquisição de determinados produtos tem um custo, sendo este comparável no preço por quilo e não por embalagem;
- Desenvolvam o raciocínio geográfico (de onde vêm, como vêm e por que é que vêm, ...).

As competências a desenvolver com esta atividade são:

- . Compreensão do fenómeno da globalização.
- . Interesse, empenho e cooperação.

Programa previsto:

24 de abril (3ª-Feira) com o 8ºF;

27 de abril (6ª-feira) com o 8ºB;

30 de abril (2ª-feira) com o 8ºA

15h30m – Concentração junto à portaria da escola e Deslocação a pé até ao CONTINENTE-MODELO de Arroja.

15h 40m às 17h 30 – Realização do trabalho e regresso à escola.

27 de abril (6ª-feira) com o 8ºD

13h30m – Concentração junto à portaria da escola e Deslocação a pé até ao CONTINENTE-MODELO de Arroja.

13h 40m às 15h 30 – Realização do trabalho e regresso à escola.

Nota: A atividade coincide com a aula de geografia e caso haja algum impedimento a atividade será realizada na semana seguinte.

Material Necessário:

1. Suportes para colocação dos documentos de trabalho (pranchas A4);

2. Uma caneta (ou esferográfica) **azul** e outra **vermelha**; **Mapa-Mundo**;

3. Interesse, responsabilidade, boa disposição e ... olhos de cidadão ativo! >> ESSENCIAL

Metodologia de trabalho:

1. O **Trabalho Prático** deverá ser realizado em grupos de 4 alunos (ou 3) constituídos pelo professor da disciplina. Durante a realização da atividade os elementos do grupo não se podem dispersar (têm de estar todos a contribuir para a concretização da atividade no tempo estipulado, que são 60 minutos).

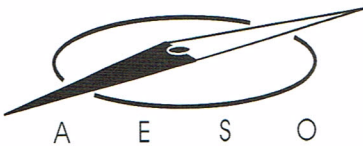
2. Preenchimento da tabela e do mapa **seguindo a ordem estabelecida** nos documentos de trabalho⁴.

Há um total de 20 atividades cuja pontuação corresponde a 5 pontos cada.

Avaliação dos alunos o Interesse, o empenho e a cooperação verificado através de documentos de trabalho a realizar durante a realização do trabalho de campo.

⁴ Os funcionários do CONTINENTE-MODELO estão preparados para ajudarem se for necessário

A origem dos Produtos numa Superfície Comercial



Escola E.B 2,3 António Gedeão
Trabalho Prático de Geografia – 8º ano



“A Origem dos Produtos”

Nome _____ N.º _____;
Nome _____ N.º _____;
Nome _____ N.º _____;
Avaliação: _____ O Prof. _____
O Enc. Educ. _____

1º SETOR: Peixaria

1ª Atividade:

Para **QUATRO (4)** das seguintes regiões, identificar produtos capturados e preencher o quadro.

Região	Produto (Nome)	Preço por Kg (€)
Oceano Pacífico		
Oceano Índico		
Atlântico Sudoeste		
Atlântico Sudeste		
Atlântico Noroeste		
Atlântico Nordeste		

2ª Atividade:

No **Mapa-Mundo** localizar as **4 regiões** com produtos identificados, escrevendo o nome a **vermelho**.



3ª Atividade:

Identificar **4 produtos** capturados em **Aquicultura** de **DIFERENTES PAÍSES** e preencher o quadro.

Nome do Produto	País de Origem	Continente	Preço por Kg (€)
	→		
	→		
	→		
	→		

4ª Atividade:

No **Mapa-Mundo** localizar, cartografando o espaço entre fronteiras a **vermelho**, os 4 países identificados.

**2º SETOR: Frutas & Legumes****5ª Atividade:**

Identificar **5 diferentes frutas frescas** importadas de **PAÍSES AMERICANOS** e completar o quadro.

Nome do Produto	País de Origem	Preço por Kg (€)

6ª Atividade:

No **Mapa-Mundo** localizar, cartografando o espaço entre fronteiras a **vermelho**, os países identificados.

7ª Atividade:

Identificar 6 frutas frescas importadas de **diferentes países** de **outros continentes** (por exemplo: Oceânia, África, Ásia ou Europa) e completar o quadro.

Nome do Produto	País de Origem	Preço por Kg (€)

8ª Atividade:

No **Mapa-Mundo** localizar, cartografando o espaço entre fronteiras a **vermelho**, os países identificados.



9ª Atividade:

Identificar 5 legumes que são importados de **DIFERENTES PAÍSES** e completar o seguinte quadro.

Nome do Produto	País de Origem	Continente	Preço por Kg (€)
		→	
		→	
		→	
		→	
		→	

10ª Atividade:

No **Mapa-Mundo** localizar, cartografando o espaço entre fronteiras a **vermelho**, os países identificados.



3º SETOR: Frutos Secos

11ª Atividade:

Identificar **5 PAÍSES DIFERENTES** de onde são importados Frutos Secos e completar o quadro.

Nome do Produto	País de Origem	Continente	Preço por Kg (€)
	→		
	→		
	→		
	→		
	→		

12ª Atividade:

No **Mapa-Mundo** localizar, cartografando o espaço entre fronteiras a **vermelho**, os 5 países identificados.



4º SETOR: Óleos/Azeites e/ou Arroz/Massas/Sal

13ª Atividade

Identificar **2 produtos** IMPORTADOS DE PAÍSES DIFERENTES e completar o quadro.

Nome do Produto	País de Origem	Continente
	→	
	→	

14ª Atividade:

No **Mapa-Mundo** localizar, cartografando o espaço entre fronteiras a vermelho, os países identificados.



5º SETOR: Sopas/Molhos e/ou Conservas

15ª Atividade:

Identificar **2 produtos** IMPORTADOS DE PAÍSES DIFERENTES e completar o quadro.

Nome do Produto	País de Origem	Continente
	→	
	→	

16ª Atividade:

No **Mapa-Mundo** localizar, cartografando o espaço entre fronteiras a vermelho, os países identificados.



6º SETOR: Açúcar/Batata Frita e/ou Fruta em Calda

17ª Atividade:

Identificar 2 produtos **IMPORTADOS DE PAÍSES DIFERENTES** e completar o quadro.

Nome do Produto	País de Origem	Continente
	→	
	→	

18ª Atividade:

No **Mapa-Mundo** localizar, cartografando o espaço entre fronteiras a **vermelho**, os países identificados.



7º SETOR: Doçarias e/ou Compotas/Chás/Cafés

19ª Atividade:

Identificar **2 produtos** importados de países diferentes e completar o quadro.

Nome do Produto	País de Origem	Continente
		→
		→

20ª Atividade:

No **Mapa-Mundo** localizar, cartografando o espaço entre fronteiras a vermelho, os países identificados.

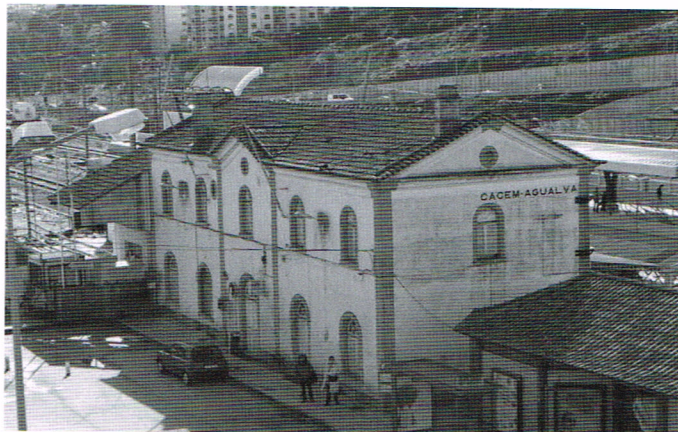


Lugares quase Perfeitos

Miguel Joaquim Serra

1. O lugar da minha infância...

A estação ferroviária do Cacém. Em 13 anos vivi em 3 casas diferentes, cada qual não distava mais do que 20 metros da linha do comboio. O ruído e a imagem dos comboios foram uma constante 24h/dia, 365 dias/ano.



2. O lugar que me faz sentir em casa...

Marvão. As raízes familiares e as frequentes deslocações em férias de Verão, ou para colher a azeitona no Inverno...



3. O lugar que me faz sentir desconfortável...

Tantas horas desperdiçadas...



4. O lugar que me projecta para o futuro...

Glaciar Aletsch– Alpes Berneses – Suíça. Onde é possível ver o aquecimento global em marcha.



5. O lugar que gostaria de visitar...

O Kremlin, a Praça Vermelha e a Basílica de São Basílio. Pela imponência, pelas cores, pela história.



6. Um livro ou uma canção a que associo a um lugar da minha memória...

Montesegur no Languedoc poderia ser a materialização do castelo d' "O nome da rosa" depois do incêndio com que termina a história. Mas pela ideia de inacessibilidade que sugere, também poderia evocar "O castelo" do Kafka.



8. O lugar quase perfeito que gostaria de visitar...

Longe, verde, virgem, ameno, imenso.



7. O lugar onde mais gostei de estar...

Uma versão do Grand Canyon (logo ali ao lado), mas sem as pessoas... e o mesmo horizonte a perder de vista.



À Conversa com Maria Augusta Mota Pinto

Sérgio Cláudio

Foi muito interessante participar na experiência de Veiga Simão.

Conheci Maria Augusta Mota Pinto no começo dos anos 80. Era então presidente do Conselho Diretivo da Escola Secundária de João de Deus, antigo Liceu de Faro, e uma professora interessada nas coisas da Geografia. A participação na reforma de Veiga Simão e a experiência na direção da Escola Secundária são os factos que mais a marcam profissionalmente.

Sérgio Cláudio (SC) – A Augusta é natural de onde?

Augusta Mota Pinto – Sou mesmo de Vila Nova de Gaia, Mafamude.

SC – E foi aí que cresceu?

Augusta Mota Pinto – Sim, estive aí durante todo o período escolar.

SC – A Augusta era boa aluna?

Augusta Mota Pinto – Na escola primária, era a “ursa branca”. Também era muito branquinha. Não “rebentava com a escala”, mas ia para o quadro de honra, já no Liceu.

SC – Qual a sua relação com a Geografia?

Augusta Mota Pinto – Sempre gostei mais de Ciências das Natureza, de Geografia. E tive uma professora de que gostei muito, a Aurora Pereira. Estive no Liceu Rainha Santa Isabel, mas tive de ir para o Alexandre Herculano, que era o liceu dos rapazes, para poder fazer Geografia.

SC – Vai para o Alexandre Herculano em que ano?

Augusta Mota Pinto – Era para aí 1956/57, talvez.

SC – Já tinha na altura a ideia fixa da Geografia?

Augusta Mota Pinto – Já tinha optado pela Geografia.

SC – Vai para a Universidade de Coimbra em que ano?

Augusta Mota Pinto – Em 1960, talvez.

SC – Quais as memórias mais marcantes do curso?

Augusta Mota Pinto – Lembro-me da crise académica, em 1962 (estava pelo 3º ano). O pontapé de saída foi em Coimbra. Eu morava mesmo em frente à PIDE, era uma loucura, gritos, etc.

SC – Porque teve um esgotamento nessa altura?

Augusta Mota Pinto – Porque dormia mal, queria ir a reuniões, às vezes nem comia bem, aquela agitação... Fui a uma visita de estudo a Espanha, na altura, com o Dr. Oliveira. Antes de sairmos, fui chamada à PIDE. Queriam saber o que iam fazer e onde eu tinha arranjado dinheiro para a visita... Não me meto em grandes coisas. Ia para Coimbra para trabalhar.



SC – Em Coimbra, quais os professores marcantes?

Augusta Mota Pinto – O Fernandes Martins, o FRED. Eu questionava um certo protagonismo dado aos elementos masculinos, em detrimento dos femininos. Um dia pedi para falar com ele em particular. Ele convidou-me a tomar chá em Santa Clara. Disse-lhe: “Faço grande sacrifício, os meus pais também. Às vezes, tenho vontade de o deitar janela fora.”

Quando me encontrava pelos corredores, ele dizia “Esta senhora quer-me atirar janela fora.” Mas não tive quaisquer problemas pessoais.

SC – Memórias de outros professores?

Augusta Mota Pinto – O Professor Arnaud, de História. Gostei também do professor de Pré-História... Dr. Jorge Alarcão.

SC – Quando acaba o curso, o que vai fazer?

Augusta Mota Pinto – Primeiro fui para Lisboa, mas não dei aulas, cerca de um ano. Depois fui para Faro e aqui estou.

Comecei por dar aulas num colégio terrível, com gente mais ou menos da minha idade, mas fizemos muita amizade.

SC – O que a levou de Vila Nova de Gaia para Faro?

Augusta Mota Pinto – O meu marido, que veio trabalhar para o aeroporto. Em 1966.

SC – Quantos filhos tem?

Augusta Mota Pinto – Dois rapazes e uma rapariga. Já tenho seis netos.

SC – Algum é professor?

Augusta Mota Pinto – Um é professor de Matemática, outro é informático mas também já foi professor e a rapariga está em hotelaria. Tenho duas noras professoras, uma de

História e outra de Ciências.

SC – Foi uma mãe extremosa?

Augusta Mota Pinto – Acho que sim, fiz os possíveis. Não havia infantários, nem ATLS foi complicado...

SC – Quando vai para o Liceu?

Augusta Mota Pinto – Concorri e fiquei no Liceu-1966. Estive também na Escola Preparatória Afonso III.

SC – Qual o ambiente que encontra no Liceu?

Augusta Mota Pinto – Tudo muito sério e muito formal. Eu não era de cá, tinha uma mentalidade diferente. Diziam que dava muita confiança (aos alunos).

SC – Como fez o estágio?

Augusta Mota Pinto – Só havia estágio em Lisboa, Porto e Coimbra. Deu-se o 25 de abril e surgiu a oportunidade de ir estagiar. Concorri para o Porto para contar com apoio da família, fui para o Porto, com os três filhos atrás. Ia de Gaia para o Garcia da Horta. A minha orientadora foi a Luisa Ferro Ribeiro, bastante conceituada.

SC – Gostou do estágio?

Augusta Mota Pinto – Gostei do estágio, sim. (Uma experiência muito interessante foi colaborar na experiência de Veiga Simão. Gostei imenso. Havia as bibliotecas em sala de aula. Fazíamos visitas de estudo. Muito trabalho em equipa. Era uma coisa muito diferente.)

A minha orientadora achou que eu estava bastante atualizada, devido à experiência que desenvolvi no Preparatório, na Escola Preparatória Afonso III.

Na Afonso III, quiseram que eu desse Matemática. Recusei. Fiquei mal vista. Depois fui escolhida para delegada de ciências, fazia muitas experiências com os alunos, tínhamos uma horta pedagógica, etc.

Depois do estágio, concorri logo para o Liceu e fui colocada. Não queria dar aulas de Português ou de História e Geografia de Portugal (no ensino preparatório) ou Matemática.

SC – Eu conhecia-a quando era presidente do Conselho Diretivo da Escola Secundária João de Deus.

Augusta Mota Pinto – Fui primeiro presidente em 1976-78, depois em 1981-84.

SC – Como surge o exercício do cargo, numa escola que era a mais importante do Algarve?

Augusta Mota Pinto – Da primeira vez andaram colegas à minha volta. Da segunda vez, foi diferente. Foi quando foi eleito o Ramalho Eanes (1981). Todos diziam que não queriam, mas eu disse: "Não me recuso a ser votada". Tive uma votação daquelas!... uma votação maciça.

SC – Qual o balanço que faz desta experiência?

Augusta Mota Pinto – Foi muito enriquecedor, cansativo, violento. Havia muitas questões políticas. Pôs-se a casa em ordem. Eu meti-me em tudo. Eu era mais locomotiva, puxei pelos diretores de turma. Criei o Clube de Geografia, implementei os cursos noturnos, trouxe para o Liceu o júri do 12º ano. Só deu brilho à Escola e mais trabalho para mim.

Depois convidaram-me para a Escola Superior de Educação.

SC – Entre que anos?

Augusta Mota Pinto – Estive lá 9 anos, ainda. Devo ter saído para a ESE em 1988. Já estive na Universidade da Terceira Idade... sempre fui "low profile". Mas procuro atualizar-me sempre. No meu currículo, constam mais de 50 cursos, seminários, ações de formação ... pagos por mim.

SC – Reformou-se quando?

Augusta Mota Pinto – Já fez 11 anos. Reformei-me como professora da Escola Secundária. Quando a ESE se integra na Universidade do Algarve, quis regressar à Escola, pois não tinha carreira para fazer.

A seguir dediquei-me mais à educação ambiental. Tinha frequentado em Sevilha o doutoramento em Património Histórico e Natural, em meados dos anos 90. Gostei muito.

SC – O que faz a Augusta reformada?

Augusta Mota Pinto – Ainda fui dar aulas na Universidade da Terceira idade. Cultura Geral.

Agora tenho muitas artroses, numa visita de estudo caí... Agora sou avó!



SC – Toma conta dos seus netos?

Augusta Mota Pinto – Sim, sim. Dou apoio aos filhos e noras. O neto mais velho já está a tirar o curso de Meteorologia, Oceanografia e Geofísica, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, mas os restantes estão



SC – A Augusta estudou e trabalhou fora de Lisboa. Há algum olhar particular em relação ao ensino de Geografia?

Augusta Mota Pinto – Não. Mantive muito contacto com Lisboa, Coimbra, Porto. Fiz uma Pós-Graduação em Geografia Humana em Coimbra (por 1990/92). Foi para aprender.

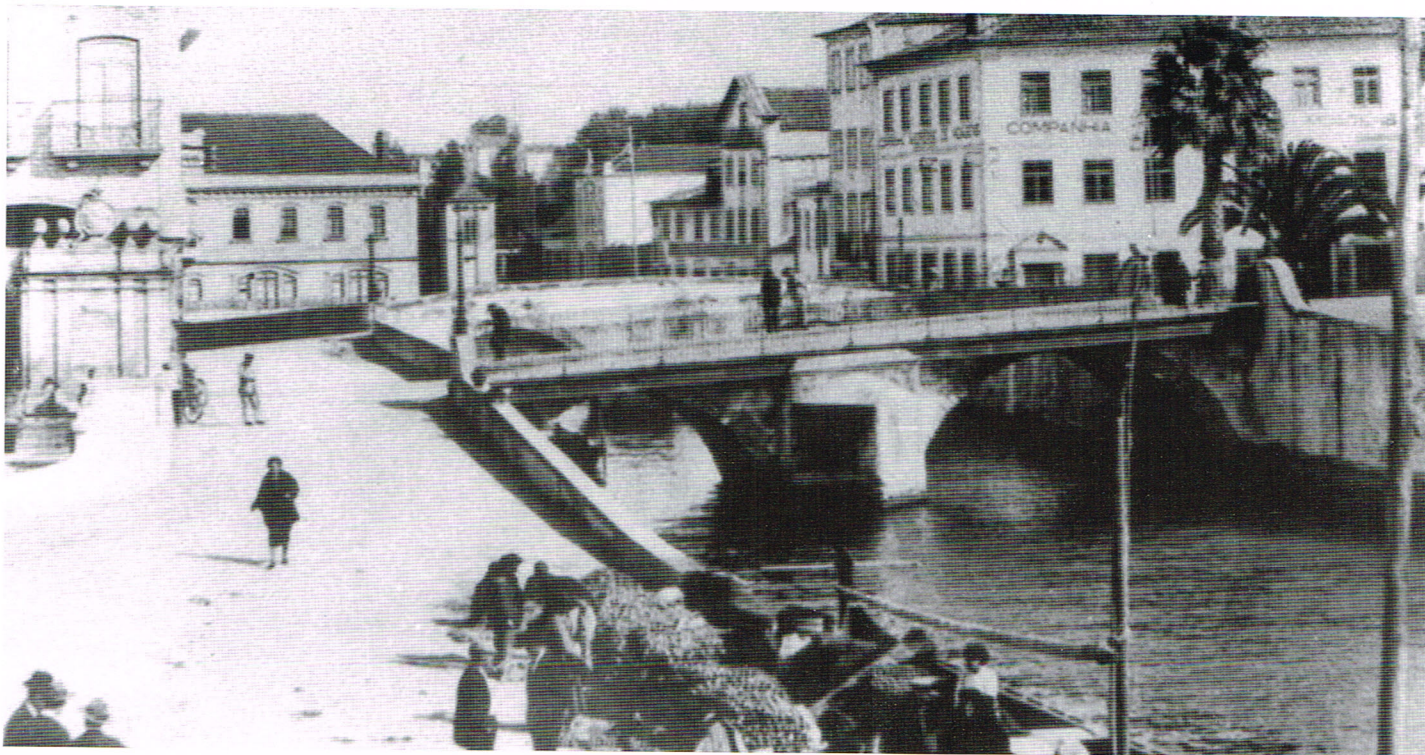
SC – Quando olha para o ensino, em geral, e o ensino de Geografia, em particular...

Augusta Mota Pinto – Estou um bocadinho desligada. Mas acho que não tem melhorado.

Antes e Depois

Antes e depois... avaliar as diferenças

Aveiro – Canal Central e Pontes dos Arcos; em 2º plano edifício da Alfândega



Data??



A foto actual não foi tirada exactamente do mesmo local, é tirada de uma das pontes, no entanto, reconhece-se: à esquerda, o mesmo edifício, modificado; à direita, o Fórum Aveiro Agosto de 2011

Weekly Newspapers



The Leverhulme Trust

Produced by the SASI group (Sheffield) and Mark Newman (Michigan)



This map shows the distribution of copies of non-daily newspapers that are sold directly, sold by subscription, and given away for free. Newspapers are regular publications about current affairs, which are intended to be read by the general public.

The regions with the most copies of weekly newspapers in circulation are those with average levels of wealth, education and health: Eastern Europe, Eastern Asia and Southern Asia, Northern Africa and South America. In richer areas the television is more widespread.

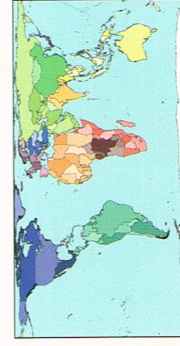
Togo and Belarus have more weekly newspapers being printed per person than there are people there to read them. Meaning that a lot of people read more than one weekly paper there, each week.

Territory size shows the proportion of all copies of weekly (or non-daily) newspapers distributed there

HIGH AND LOW CIRCULATION OF WEEKLY NEWSPAPERS

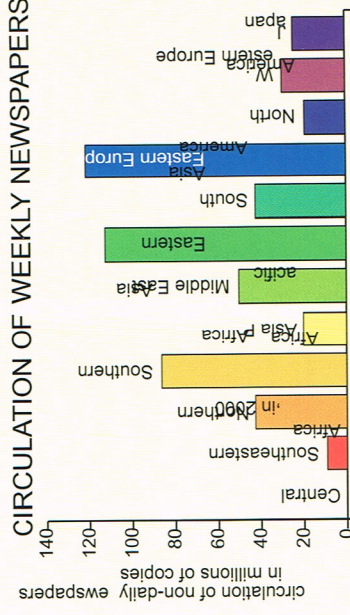
Rank	Territory	Value	Rank	Territory	Value
1	Togo	1136	183	Hong Kong (China)	9.7
2	Belarus	1030	184	Benin	7.3
3	Bolivia	988	185	Ethiopia	6.5
4	New Zealand	813	186	Mexico	6.2
5	Ukraine	785	187	Cameroon	4.8
6	Latvia	739	188	Kenya	3.7
7	Gaza Strip & West Bank	645	189	Colombia	3.2
8	Hungary	514	190	Philippines	2.8
9	Slovakia	492	191	Rwanda	1.7
18	Estonia	306	200	Burundi	1.2

circulation of non-daily newspapers in 2000 per thousand people*



Land area

- Data are from the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation's on-line statistics, 2005.
- *Circulation figures are averaged per issue per newspaper. Territories for which data have been estimated are not shown in the table.
- All non-daily newspapers are included here, the vast majority are weekly.
- See website for further information.



CIRCULATION OF WEEKLY NEWSPAPERS

“The smart way to keep people passive and obedient is to strictly limit the spectrum of acceptable opinion, but allow lively debate within that spectrum. That gives people the sense that there’s free thinking, but all the thinking is within the limits of the safe, acceptable opinion.”